

## CRÍTICA LITERÁRIA

### 'A insustentável e dramática poesia dos direitos humanos' em "Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança", de Vera Duarte

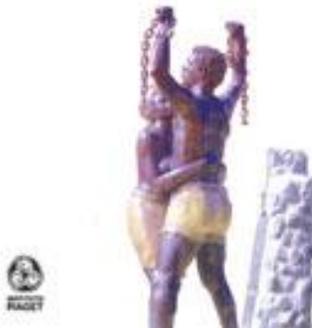
*Por Ricardo Riso*

*Graduando em Letras – Universidade Estácio de Sá*

*E-mail: risoateli@gmail.com*

**VERA DUARTE**

#### **Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança**



O mais recente livro de poesia da cabo-verdiana Vera Duarte, "Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança" (Lisboa: Instituto Piaget, 2005), reafirma sua postura irreduzível em prol dos direitos humanos e, especificamente, da mulher. Contra toda e qualquer forma de opressão e injustiça aos desfavorecidos não só do continente africano, mas de todos os países, credos e etnias, deparamo-nos com uma poesia que pretende atingir "todos os que lutam por um mundo de maior justiça e melhor humanidade" (p. 10).

Para Vera Duarte, o poema é a "luta dos homens pela vida". Segundo Alfredo Bosi, "a poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos da sociedade" (BOSI, 1977, p. 143), e é exatamente o que encontramos na sua trajetória poética: poemas que não se submetem à ferocidade da ordem estabelecida do neoliberalismo que, com fria indiferença, exclui a maior parte da população mundial.

Nascida na cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, Vera Duarte é juíza desembargadora, presidente da Comissão Nacional dos Direitos Humanos e Cidadania (CNDHC) de Cabo Verde, cargo que deixou para ser a atual Ministra da Educação de seu

país. Recebeu prêmios pela sua atuação em defesa dos Direitos Humanos e prêmios literários, tais como TCHICAYA U TAM'SI de poesia africana 2001 pelo conjunto de sua obra e o SONANGOL 2003 pelo romance "A Candidata" (Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2003). Publicou em poesia "Amanhã Amadrugada" (Lisboa: Vega, 1993) e "O Arquipélago da Paixão" (Mindelo: Artletra, 2001) entre outros artigos e ensaios.

De escassa representatividade numérica, porém, de qualidade inquestionável, a poesia de autoria feminina cabo-verdiana aparece, com maior frequência, a partir da independência do jugo colonial, tendo em Vera Duarte um de seus nomes importantes. De acordo com o crítico e poeta José Luís Hopffer Almada, sua "poesia de intervenção social" destaca-se pela "ruptura temática em problemáticas maioritariamente atinentes à condição e ao estatuto da mulher", com "preocupações sociais e de signos de interpelação da liberdade e da busca de felicidade por parte do ser humano".

Com ótimos textos de advertência e posfácio da autora, apresentação de Carmen Lúcia T. R. Secco e prefácio de Estela Pinto Ribeiro Lamas, "Preces e Súplicas..." começa com as súplicas, que, em nosso entendimento, tentam buscar a cumplicidade do leitor diante "da impotência tamanha" (p. 52) causada pela caótica situação africana: "há homens que não têm água / há homens que não têm luz / há homens que não têm casa / há homens que não têm nada" (p. 52).

Diante do domínio de um neoliberalismo voraz, o eu lírico narra a trajetória de exploração do continente africano, "então vieram caravelas / trazendo homens de cor estranha / (e estranhos pensamento)" (p. 57). Depois, com o colonialismo, a ganância passou para o rico solo africano: "ouro diamante petróleo (...) cada vez mais queriam possuir teus bens" (p. 58). Até que os tempos mudaram, trazendo "o vento da revolução" (p. 58) que "soprou forte sobre o mundo" (p. 58), com a liderança de Amílcar Cabral e o país independente "cantaremos hinos de súplicas e esperança" (p. 59).

Após as súplicas, é chegado o momento das preces que são dedicadas a poetas, políticos e ativistas de causas humanitárias. Na "Prece Primeira", o eu lírico homenageia o poeta português Eugénio de Andrade e, metaforicamente, usa a rosa deste e a rosa mirabilica, referência à antologia "Mirabilis – de veias ao sol" que reuniu a geração de poetas do pós-independência: "Em África cresce uma rosa / É a rosa mirabilica / Flor de poesia / uma rosa entre cadáveres" (p. 66).

Na "Prece Segunda", dedicada a Mohamed Benaissá, responsável pela entrega do prêmio Tchicaya U' Tamsi à autora, verificamos o clamor por mudanças diante de "um

número indigente e gritante / quarenta milhões é o número da fome" (p. 70). Nesta prece as sete cabeças de hidra e os sete pecados originais são atualizados para a realidade africana: "a guerra / a tirania / a corrupção / a má governação / a sida / a estupidez / a indiferença" (p. 71). Contra o ímpeto destruidor dos líderes inescrupulosos, a urgência por mudanças flerta com o desejo, "Oh! Como gostaria", e a certeza de agir: "É este o ano / O dia, o século / E o milénio" (p. 72) para que a África do século XXI não seja a Assilah do futuro. Com isso, o eu lírico vislumbra um futuro digno: "É a esperança que tem que nascer / É a esperança que vai renascer" (p. 73).

Ao senegalês Adama Dieng, a "Prece Terceira" mostra as utopias destruídas e os sonhos conspurcados perante a ambição desmedida em um mundo que subverteu os dez mandamentos bíblicos. Todavia, ainda há espaço para a chegada do "holocausto redentor": "É preciso uma fé / Que mova montanhas / E um holocausto redentor / Que devolva os homens / Aos ideais" (p. 77).

A "Prece Quarta" é dedicada a todos os excluídos, a todos os que não têm voz nas "Canaãs inacessíveis". Em "titanesca revolta", o eu lírico queixa-se aos que comandam o mundo para que "Oçam a minha voz / Oçam a minha cólera" (p. 81). A prece seguinte acompanha o sentimento universal e homenagei a Sérgio Vieira de Mello, digno representante da luta contra os flagelos do planeta enquanto viveu.

A emergência em olhar para o continente africano é exposta com indignação e emoção na "Prece Sexta", ao mostrar o abandono e as condições subumanas impostos às crianças africanas, que são "Compradas / Vendidas / Violadas / Abusadas / Exploradas / Maltratadas / Seviciadas" (p. 86).

A sétima e última prece refere-se à Gorée. Desta ilha senegalesa saíam os escravos na época do tráfico negreiro. Agoniado, o eu lírico procura "reinventar o outro futuro / antes que seja este passado" (p. 90).

Em seguida às preces, na incansável reformulação por um mundo melhor, não poderiam faltar os poemas dedicados à condição feminina, uma constante na poesia de Vera Duarte, defensora inquestionável dos direitos da mulher. A violência infligida à mulher é ressaltada, porém o eu lírico exige uma nova postura: "Desperta -te mulher! / Larga toda essa miséria / e vem lutar pela verdadeira mulher" (p. 96 -7) e, assim, encontrar a "Mulher d'hoje", de "Tempos novos / ideais recuperados / brilho no ar e transparência em tudo / serão espelho / onde se refletirá / a imagem / diferente e

subversiva / da mulher de hoje / a ganhar forma / a ganhar corpo / a crescer / a viver" (p. 98).

Para finalizar, um cântico final e redentor celebra a poesia e a união dos homens contra a opressão do mundo: "E esconjuraremos juntos / As desgraças do / Tempo que passa / Gloriosamente recusando / A sorte / A morte / E todos os sacrilégios" (p. 104).

Ao utilizar alegorias bíblicas, Vera Duarte expõe com veemência suas preocupações sociais e, em especial, a condição feminina em "Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança". Na infatigável defesa dos direitos humanos em seus poemas, depreendemos a "holística comunhão" em um futuro possível, de alguém que ama demasiadamente "a humanidade / para assistir / indiferente / às várias hecatombes / que sacodem / o nosso cotidiano" (p. 9).

#### **REFERÊNCIAS:**

ALMADA, José Luís Hopffer. Alguns marcos da emergência de novos paradigmas na poesia caboverdiana contemporânea (sétima parte). In: *O Liberal*. <<http://liberal.sapo.cv/index.asp?idEdicao=50&id=17755&idSeccao=533&Action=noticia>> Acessado em 12/04/2008.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.